



Editorial

Daniel Brasil Justi (UFRJ)

Juliana Batista Cavalcanti (UFRJ)

Renata Rozental Sancovsky (UFRRJ)

Nessa décima sexta edição a Revista Jesus Histórico e sua Recepção traz como dossiê o tema “Memória, Identidades e Religiosidades”. A preocupação da equipe editorial foi em pensar de que forma a memória corrobora para a construção e permanência de identidades sociais e religiosas.

Nesse sentido, partimos das ideias de autores como Maurice Halbwachs, ainda nos anos de 1920 e 19030, que sublinhou que a memória deve ser entendida também, ou sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes.

Isso implica dizer que no processo de estudo das identidades religiosas é importante se levar em conta os acontecimentos vividos pessoalmente e os “por tabela”, como diria Pollak (1992: 2). Esse último, nem sempre a pessoa participou, mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não. Se formos mais longe, a esses acontecimentos vividos por tabela vêm se juntar todos os eventos que não se situam dentro do espaço-tempo de uma pessoa ou de um grupo. É perfeitamente possível que, por meio da socialização política, ou da socialização histórica, ocorra um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar numa **memória quase que herdada**.

Pensando nisso, o dossiê cobre um conjunto de oito artigos e uma resenha, contando com historiadores e cientistas sociais de diferentes centros universitários deste país. Sendo mais diretos, a composição dessa edição ficou:

1. Resenha.

Guilherme Lima Cardozo em sua resenha do livro de Paiva Netto “**Jesus, a dor e a origem de sua autoridade. O poder do Cristo em Nós**” nos atenta para o caráter filosófico-político-científico da obra. Ao final da leitura da resenha, o que nos fica evidente é que Paiva Netto tenta demonstrar que o pensamento ocidental está norteado por ideias cristãs.

2. Dossiê.

Rodrigo Pereira em “A demarcação de identidades: o conflito histórico entre as alas luteranas no Espírito Santo (Brasil) através da semiótica (Séculos XIX e XX)” nos reporta a um contexto de formação de identidades de comunidades luteranas no Espírito Santo. Por intermédio de elementos e práticas o autor paulatinamente tece o cenário de conflito e constituidor da Igreja Evangélica de Confissão Luterana (IECLB) e da Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB).

Marcos J. de A. Caldas em “O Jovem Marx e Lutero” nos apresenta um Marx talvez um pouco distinto das obras que o consolidaram com referência teórica para o marxismo clássico, contudo é interessante ver como este jovem Marx a partir de suas leituras sobre Martinho Lutero é decisivo para a compreensão de uma fase mais madura de Karl Marx.

Carlos de Faria Júnior e Flávio Henrique Santos de Souza refletem sobre a “condenação” do arianismo no artigo “A “condenação” do arianismo (século IV D.C.)”. O artigo culmina com breves apontamentos sobre os conceitos de ortodoxo e heterodoxo, após a explanação do ambiente em que surgiu e propagou o arianismo.

Felinto Pessôa de Faria Neto e Rafael Lazarini de Lima em “Do mal à Satanás” buscaram problematizar a historicidade e o ambiente cultural que possibilitou as construções simbólicas do mal e de Satanás. É interessante ver de que forma os autores demonstram que essas categorias não são extáticas.

Tami Coelho Ocar em “E Jesus também está no *Discovery Channel* - Breves apontamentos acerca do documentário “A vida desconhecida de Jesus” (2008)” apresenta dados interessantíssimos para se pensar de que forma o estudo do Jesus Histórico tem sido tratado por documentários televisivos, bem como o historiador pode se valer desse material para a compreensão das demandas e recepções dos estudos em ambientes extra-acadêmicos.

Lair Amaro dos Santos Faria em “Da legitimidade de um cristianismo plural” apresentou uma criativa e contundente resposta a crítica dos autores Andreas Köstenberger e Michael Kruger sobre os estudos no campo do paleocristianismo que

favorecem a uma leitura da diversidade. Faria demonstra que desde o início diferentes interpretações sobre o Jesus de Nazaré foram feitas e apenas no decorrer de um longo processo que determinadas visões foram vistas de forma negativa, errada. Assim sendo, a justificativa pela pluralidade não seria uma invenção do tempo presente, mas ela sempre esteve na História do Cristianismo.

Thiago Henrique Pereira Ribeiro em “Combatendo um demônio egípcio: considerações acerca de *magia, religião e figuras demoníacas* no Egito Antigo” partindo de breves apontamentos sobre magia e religião definido por James Frazer tece algumas ponderações a respeito o uso dessas categorias para o caso do Egito Antigo, pegando como estudo de caso um encantamento egípcio que visava curar uma dor de cabeça.

José Petrúcio de Farias Jr. em “Cristãos e neoplatônicos na Ásia Menor: um estudo a partir de Eunápio de Sardes em *Vidas de Filósofos e Sofistas*” nos traz um interessante estudo sobre cristãos e neoplatônicos na administração imperial da Ásia Menor.

Desejamos a todos uma boa leitura!

Rio de Janeiro, Junho de 2016.